

SENSIHEMP

# O CÂNHAMO AO SERVIÇO DA SUSTENTABILIDADE

*A indústria da moda é uma das mais poluentes e Marta Vinhas, da SensiHemp, diz que urge encontrar alternativas para a sustentabilidade no sector têxtil. Há vários séculos que o cânhamo é utilizado para confeccionar tecidos e roupa. Marta está a tentar trazê-lo de volta a Portugal.*

Entrevista de João Carvalho

Com um ano de existência cumprido no passado dia 7 de Setembro, a SensiHemp está a assumir um papel de destaque e pioneirismo enquanto marca de roupa de cânhamo produzida em Portugal, desde o fio ao tecido e à confeção das peças, sem esquecer a tinturaria. Estivemos a conversar com Marta Vinhas, a criadora do projecto, e ficámos a saber que, mais do que uma marca de moda sustentável à base do cânhamo, a SensiHemp pretende construir um ecossistema inovador na indústria têxtil.

**Tendo quase duas décadas de experiência na indústria têxtil, como caracteriza o estado da moda no mundo actual?**

A indústria da moda é uma das maiores e mais intensivas indústrias humanas na utilização de recursos naturais, sendo responsável por 4% das emissões de gases de efeito estufa e 20% da poluição industrial da água em todo o mundo. Muitos trabalhadores enfrentam desigualdade social, ambientes perigosos, colocando diariamente em risco sua saúde e até a vida. As pessoas ainda morrem regularmente em incêndios, acidentes ou envenenamento em fábricas. Embora os salários tenham aumentado em alguns países onde o vestuário é produzido, muitas pessoas na cadeia de suprimentos ainda ganham muito pouco e lutam para pagar as necessidades mais básicas da vida. As mulheres no sector têxtil sofrem com a desigualdade salarial, muitas vezes enfrentam assédio sexual e violência no local de trabalho. Todos esses problemas ressaltam a necessidade de repensar drasticamente como todo o sistema funciona. Acredito que, com mudanças sistêmicas e estruturais, a indústria global da moda pode tirar milhões de pessoas da pobreza e proporcionar-lhes meios de subsistência dignos.

FOTO D. R.



produtos com ética e consciência e desenvolver soluções inovadoras e regenerativas, que permitam vencer os desafios actuais da indústria têxtil. Acredito verdadeiramente que o cânhamo é uma solução.

**Um dos lemas da SensiHemp é trabalhar o mais possível a nível local. Como o fazem?**

Contamos com a colaboração de artesãos e costureiras portuguesas para cumprir o objectivo de preservar o "saber fazer" português e as técnicas tradicionais. Trabalhamos para que toda a produção seja feita em Portugal, numa zona geográfica próxima, de forma a, por um lado, diminuir a pegada de carbono, e por outro, permitir que os diferentes elementos da cadeia de fabrico trabalhem entre si, obtendo assim importantes sinergias e promovendo uma verdadeira economia circular. Também recorremos a métodos com baixo impacto ambiental, tais como os tingimentos naturais, desenvolvidos a partir de plantas, raízes e minerais, isentos de químicos e que requerem menos água.

**Qual pode ser o papel do cânhamo no contexto das alterações climáticas?**

O uso do cânhamo traz diversos benefícios para a indústria e para o meio ambiente. O seu cultivo regenera os solos e é CO<sub>2</sub> negativo, não requer herbicidas nem agrotóxicos e gera uma maior produção de fibra por hectare quando comparado com outras fibras naturais. É necessário ter uma visão sistémica sobre a produção da fibra, os principais desafios para a sua implementação em larga escala na indústria têxtil, investir no desenvolvimento tecnológico e analisar as perdas e ganhos ambientais quando comparado com a produção do algodão, por exemplo. É também preciso lançar luz sobre as alternativas existentes, sobretudo quando se trata de alternativas cuja capacidade de contribuir para a redução dos gases de efeito de estufa é significativa, como é o caso do cânhamo. \*

FOTO BEATRIZ LAZARO



FOTO D. R.

## Rana Plaza e Fashion Revolution

O FASHION REVOLUTION é o maior movimento activista de moda do mundo, mobilizando cidadãos e marcas que lutam por uma indústria da moda mais segura, justa, transparente e responsável, através de um trabalho contínuo de investigação, educação, colaboração, mobilização e pressão política. Este movimento foi fundado por Carry Somers e Orsola de Castro, após o desastre do Rana Plaza, no Bangladesh, em 2013.

O colapso do Rana Plaza foi uma falha estrutural de um edifício comercial de oito andares, onde trabalhavam milhares de pessoas. O edifício continha fábricas de roupas, um banco, apartamentos e várias lojas. As lojas e o banco nos andares inferiores foram imediatamente fechados após a descoberta de rachas no prédio, motivados pelo excesso de peso da maquinaria têxtil dos andares superiores. Os proprietários do prédio ignoraram os avisos para fechar e os operários têxteis foram obrigados a regressar aos postos de trabalho no dia seguinte. O edifício acabaria por desabar durante a hora de ponta da manhã.

No acidente morreram 1134 pessoas e aproximadamente 2.500 ficaram feridas. Foi considerado o acidente derivado de falha estrutural, não deliberado, mais mortal da história humana moderna e o acidente industrial mais mortal da história do Bangladesh. O edifício albergava várias fábricas de vestuário que empregavam cerca de 5.000 pessoas, que fabricavam roupa para marcas como a Benetton, Bonmarché, Prada, Gucci, Versace, Moncler, Children's Place, El Corte Inglés, Joe Fresh, Mango, Matalan, Primark e Walmart. Na sequência deste desastre surgiu o movimento Fashion Revolution, que pretende influenciar as políticas e forçar os governos a regular e a fiscalizar as práticas laborais e ambientais da indústria têxtil. \*